ALEXANDRA BRITO

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS

EDISE

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador
Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora
Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo
José Carlos Felizola Soares Filho

SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente
Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro
Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial
Mílton Alves

EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial
Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial
Ezio Christian Déda Araújo
Irineu Silva Fontes
João Augusto Gama da Silva
Jorge Carvalho do Nascimento
José Anselmo de Oliveira
Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

ALEXANDRA BRITO

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS

EDISE

Aracaju
2021

COPYRIGHT©2021 BY ALEXANDRA BRITO

Capa *Clara Macedo*

Projeto gráfico *Clara Macedo*

Diagramação *Clara Macedo*

Revisão textual *Yuri Gagarin*

Pré-Impressão *Dalmo Macedo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brito, Alexandra
Fragmentos de memórias [livro eletrônico] /
Alexandra Brito. -- Aracaju, SE : EDISE, 2021.
PDF

ISBN 978-65-86004-54-0

1. Brito, Alexandra 2. Histórias de vida
3. Relatos pessoais I. Título.

21-85586 CDD-B869.803

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias : Literatura brasileira B869.803

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Editora filiada

SNEL
Sindicato Nacional dos Editores de Livros

ABEU
Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 32057421 / 32057420
edise@segrase.se.gov.br

Dedico este livro à minha mãe, Márcia (*in memoriam*),
para mim um grande exemplo de mulher,

ao meu pai, João (*in memoriam*),
que, apesar das poucas lembranças,
sempre foi uma pessoa de fala mansa e calmo,

à minha irmã (*in memoriam*), Aninha,
cuja lembrança que guardo é de carinho,

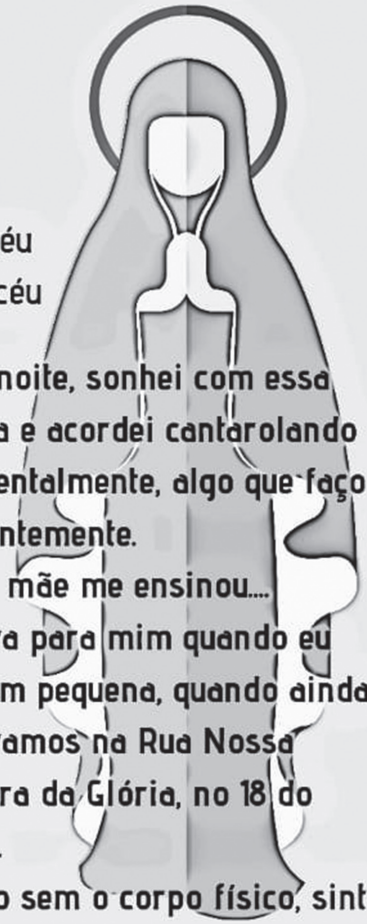
ao meu irmão Britinho,
pelas nossas sapequices, sempre,

aos vizinhos e amigos da
Rua Nossa Senhora da Glória!

Fragmentos de memórias

Mãezinha do Céu

Mãezinha do céu
Eu não sei rezar
Eu só sei dizer: Quero te amar
Azul é teu manto, branco é teu véu
Mãezinha eu quero te ver lá no céu



Outra noite, sonhei com essa música e acordei cantarolando ela, mentalmente, algo que faço frequentemente.
Minha mãe me ensinou....
Cantava para mim quando eu era bem pequena, quando ainda morávamos na Rua Nossa Senhora da Glória, no 18 do Forte....
Mesmo sem o corpo físico, sinto sempre a presença dela!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ---------- 9
PREFÁCIO ---------- 11

1. Casa na Rua da Glória ---------- 15
2. Lepo-lepo ---------- 17
3. O mercado ---------- 19
4. Papa-figo ---------- 20
5. Colchão de palha ---------- 21
6. Noel da Madrugada ---------- 23
7. Compadre carroceiro ---------- 24
8. Banho na prainha ---------- 25
9. Pirulito enfiado no palito ---------- 27
10. Enganchada no banco ---------- 31
11. Banho no pote ---------- 33
12. Sob a cadeira ---------- 35
13. Eliezer e Netinha ---------- 37
14. Fazenda no Brito ---------- 39
15. Dona Punina ---------- 41
16. Cosme e Damião ---------- 42
17. Tarde de muita brincadeira ---------- 44
18. Ovos coloridos ---------- 45
19. Festa para a menininha ---------- 46
20. Salvando a irmã ---------- 48
21. Tejo, o herói ---------- 50
22. Casa da vó Zinha ---------- 52
23. Cadê a casa? ---------- 54
24. Salão de bilhar ---------- 56

APRESENTAÇÃO

O que falar da jornalista Alexandra Brito, ou simplesmente, Xanda Brito, ou Xandinha... nos seus mais diversos papéis: filha, mãe, irmã, amiga, esposa, profissional, mulher? Muitas em uma só e ela consegue dar conta, aos trancos e barrancos, tropeçando e levantando, sacudindo a poeira e dando a volta por cima... lá está ela firme, forte e bela, pronta pra encarar a vida.

Gosta de desafios, está sempre disposta a recomeçar. É inquieta, criativa e desbravadora, não teme obstáculos. Mas chora quando tem que chorar, lamenta e se aquieta até recuperar as forças para enfrentar a próxima batalha.

Conheci Xanda no curso de pós-graduação em Jornalismo Político e Econômico ofertado na época pela Faculdade Tiradentes (hoje Unit). Lá nasceu nossa amizade, a partir dali surgiu a Âncora Comunicação, em sociedade com outros colegas queridos. Estamos juntas nesta sociedade há mais de 20 anos. Nos tornamos irmãs de almas, vivenciando e compartilhando alegrias e tristezas nessa trajetória de vida.

Apaixonada pelo jornalismo, por onde passa deixa sua marca de ética, respeito, profissionalismo e amizade. Ensinando, chefiando equipes, ou na rua como repórter. E desta forma fez um nome respeitado por todos.

Agora, Xanda Brito retoma seus escritos e revela mais uma faceta, a de escritora. Algo que ela sempre gostou de

fazer... escrever. De relatos e fatos, Alexandra levava para o papel uma história interessante, simples como é o cotidiano, mas agradável e de fácil leitura e identidade.

Certa vez, quando meu filho João Antônio ainda era uma criança, me viu colocar um laquê no cabelo e perguntou-me: "Mamãe tem barata em sua cabeça?" (risos). Contei a Xanda e rapidamente virou um de seus escritos e lá estava publicado no jornal.

Sua sensibilidade e empatia estão aqui demonstradas de forma simples e leve como deve ser a vida. Tenho certeza que você, caro leitor ou leitora, irá se identificar com "a menininha", revirando o seu baú de memórias trazendo à tona a alegria e o amor de bons momentos que não devem ser esquecidos jamais.

Magna Santana
Radialista, amiga e irmã de alma

PREFÁCIO

Você lembra do que gostava de brincar quando criança? Lembra dos seus vizinhos? Das suas festas de aniversário? Lembra seu desenho, filme ou música preferida? Todas essas vivências e, sobretudo, os relacionamentos que tivemos com nossos pais e irmãos em nossa infância molda cada comportamento e relacionamento que temos na fase adulta.

Ler as lembranças da "menininha" que vocês conhecerão nas próximas páginas me remeteram à sentimentos tão bons como os de inocência e vulnerabilidade. Vinde a mim as criancinhas, já falou o mestre. Quando a nossa vem até nós e damos a mão a ela, cuidamos de tudo que ainda precisa ser cuidado, conseguimos nos amar e sermos mais empáticos enquanto adultos.

Acolher e validar a nossa criança, o que pode ser feito através do resgate de vivências como Xanda (é assim que conheço essa "menininha") o fez, nos traz maturidade e sabedoria. Isso porque é nossa criança interior que nos ensina a arte de confiar e nos conecta com nós mesmos e com Deus.

O que Xanda faz nessa obra é um lindo resgate das experiências vividas na infância e isso nos faz compreender alguns sentimentos que até hoje, na vida adulta, são reproduzidos. Nosso inconsciente guarda todas as emoções, lembranças e fatos da nossa infância que não soubemos ou não tínhamos condições de elaborar.

Os relatos da menininha "gatilhou" as vivências da minha criança. Acolher e lembrar com amor da nossa criança interior é aceitar a própria realidade. Começar a validá-la como uma mãe ou pai amoroso e sábio, pode parecer estranho ou bobo no início porque nosso ego vai resistir e nos dirá coisas como "isso é bobagem" ou "que perda de tempo", mas isso faz parte do processo e produzirá frutos muito positivos.

Sabe por quê? Porque, felizmente, tudo o que somos hoje pode ser explicado pela nossa história de vida. Nosso subconsciente nos dá a chance de rever nosso passado e de ressignificar qualquer situação que tenha causado um desgaste emocional. Sendo assim, esse exercício pode curar dores atuais. É um processo lindo.

O fato é que ter uma criança interior curada e feliz torna o nosso eu adulto mais potencializado e forte para lidar com as adversidades que nos são impostas diariamente. O trabalho com a criança interior causa empatia por nós mesmos, por nossos pais, e até pelos outros porque é a partir da cura de nossa criança que conseguimos sentir a criança interior de outras pessoas se manifestando diante de alguma situação. É incrivelmente libertador. Tente.

Xanda nos apresentou uma criança tão pura e feliz e, por isso, te convido a ler essa obra com um olhar de criança e, por meio das lindas lembranças aqui narradas, viajar na sua própria história, como eu fiz ao me recordar da minha euforia para celebrar a minha festa de 4 anos, a última que tive com a presença do meu avô.

O que a gente vive na infância impacta o resto dos nossos dias. Já dizia Freud e Jung. É muito importante olharmos

para isso. Xanda olhou. E olhou tão bem, com tanto amor que é possível imaginar o sorriso no canto da boca dela durante o processo de escrita. Eu consegui enxergar a criança dela na adulta que tenho o privilégio de chamar de amiga. Vamos olhar para a nossa também?

Gilmara Gonçalves
Escritora, empreendedora, Coach Integral Sistêmico,
especialista em inteligência emocional e Tedx Speaker 3x

1
Casa na Rua da Glória

Ela lembra da casa antiga que morava num bairro da periferia, daquelas que os quartos eram interligados. Tinha uma antessala com portão de ferro trabalhado na frente e com duas portas, uma dava acesso ao primeiro quarto e a outra à sala.

A casa ficava numa ladeira e tinha desnível. Tinha escada para sair para o quintal, cuja divisão dos outros quintais era feita por cercas de madeiras irregulares. Era um quintal de areia, extenso... Dele dava para ver a avenida que passava abaixo.

A menininha, que na época tinha três anos apenas, lembra dos banhos na lavanderia, daquelas simples, feitas de cimento e vergalhão...

A casa era simples e os vizinhos da Rua Nossa Senhora da Glória, de chão batido, eram amigueiros. Lá moravam ela, os irmãos mais velhos, Britinho e Aninha, e os pais João Teles e Dona Márcia.

O pai era um homem alto, de fala mansa, meio calvo. Era caminhoneiro, vivia viajando, mas ela lembra que uma época ele teve uma fábrica de colchão de palha. A mãe era baixa, forte após o nascimento dos três filhos, mais agitada e briguenta, que cuidava dos filhos de forma zelosa, mas

que também aplicava castigo quando eles mereciam. E como aplicava... A maioria das lembranças tinha a mãe, os irmãos e pessoas que moravam nos arredores e naquela rua.

A menina lembra que tinham muitas crianças na vizinhança, que as brincadeiras eram boas. Tinham os gêmeos Cosme e Damião, tinha Ni, Ninha, todos mais velhos... Apesar de ter apenas três anos, ela lembra dos mais velhos também: os adolescentes Cristiano e Noel; Netinha e Eliezer, casal que cuidava dela com os pais; Dona Punina...

Ela lembra que eram vizinhos bons... Ah, a garotinha de três anos lembra que que a pivetada fazia estripulias pelos quintais... Ah, e como fazia... Tudo virava brinquedo: latas, garrafas plásticas... viravam os famosos "lepo-lepos"...

2
Lepo-lepo

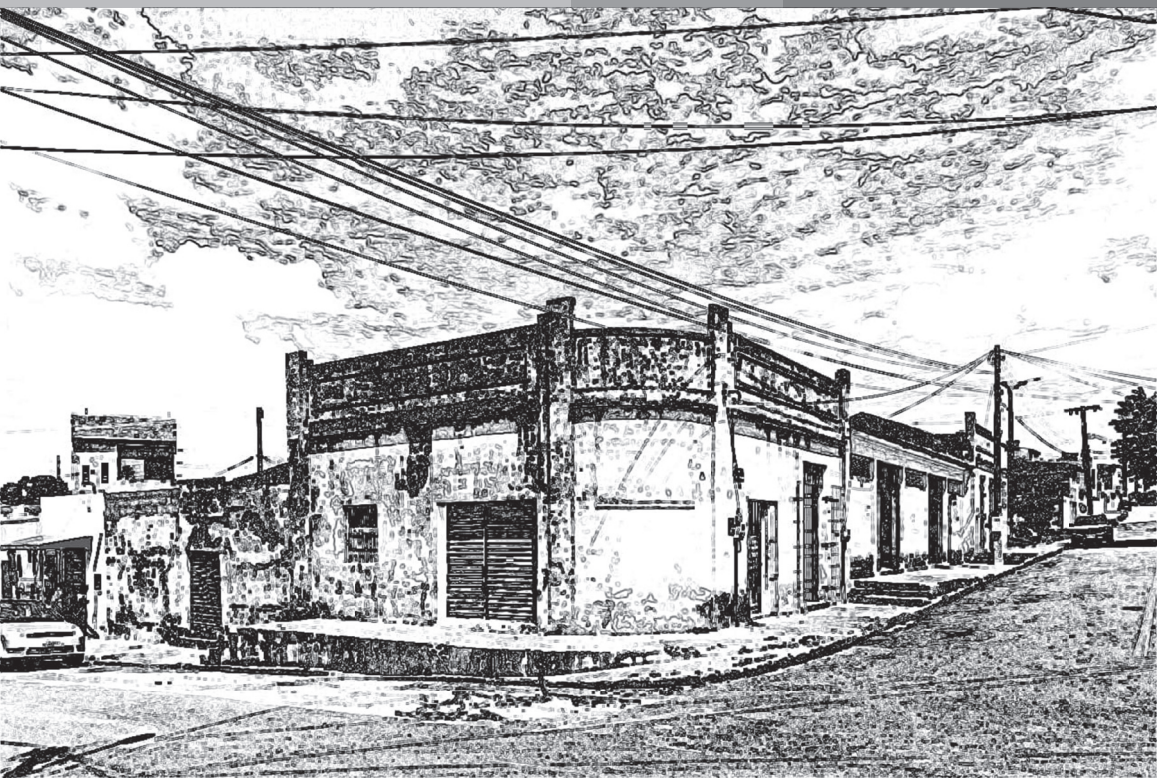
Bastava uma lata seca, de óleo ou de leite, para a brincadeira começar... Os maiores sempre cuidavam de fazer os furos nas laterais das latas para passar o barbante de um lado para o outro...

A lata era cheia de areia e ganhava um pedaço de garrafa de plástico, que era presa com o que desse: prego, durex...

Depois, era só sair puxando e lepo-lepo, lepo-lepo, lá ia o carrinho fazendo barulho por onde passava... A garrafa de plástico, tampinhas de refrigerante e gravetos também viravam, todos juntos, carrinhos...

Fazer boneca, mais para meninas, era mais complicado (no interior, as espigas novas de milho serviam), mas retalhos de pano viravam vestidos, blusas, saias e o que viesse à cabeça...

Montar a casinha num dos cantos da casa era uma das brincadeiras prediletas da garotinha de três anos. Móveis de brinquedos, feitos de madeira e que faziam os olhos da menininha brilharem, sempre vendiam em dia de feira, ali, no mercado, que ficava bem em frente à casa onde morava...



3
O mercado

A casa que ela morava dava de frente a uma rua que mais adiante virava ladeira. Saindo na porta, do lado esquerdo tinha um mercado, ela lembrava bem. Nele, o casal que tratava ela como uma filha tinha um armazém, daqueles que vendiam de tudo um pouco: farinha de Itabaiana, feijão pesado na hora, arroz também, bolachão... e tinha chupeta, ela lembra bem, pois várias vezes que sua mãe tentou fazer ela largar a chupeta, ela corria para o armazém, fazia beicinho e acabava ganhando uma.

O mercado era bem movimentado em dia de feira. Era um espaço grande, com uma parte coberta, mas a maior parte sem cobertura e com muro em todo o seu entorno.

Por lá, os carroceiros que moravam nos arredores colocavam seus cavalos para pastarem.

Dia de feira era diversão garantida para a menininha, que gostava de ver os brinquedos de madeira e as panelinhas de alumínio... nem sempre tinha dinheiro para comprar, mesmo assim, só ver já a deixava feliz... Ah, a molecada brincava e muito por ali, naquele mercado de paredes escuras e boa parte coberta de limo... Até alguém gritar bem alto: olha o papa-figo...

4
Papa-figo

Bastava ouvir o nome "papa-figo" para a menininha arregalar os olhos e tremer todinha... Quando gritavam que o papa-figo estava chegando, ela disparava tão rápido para casa que os pés batiam na bunda...

O papa-figo era o terror da garotada, pois os mais velhos diziam que ele gostava de pegar criancinhas para comer o fígado delas... Era uma forma dos pais fazerem seus filhos pararem mais em casa...

O coitado do papa-figo em questão, que assombrava o imaginário da pivetada do bairro, era um morador de rua...

A menininha hoje entende que ele vivia ao relento, maltrapilho, sujo, com roupa surrada, cabelo grande e barba por fazer, e vinha ao mercado pedir o que comer... muitas vezes se abrigava ali mesmo, sob o teto do mercado...

Mas na época ela tinha medo, tinha medo até de atravessar a rua e ir até a fábrica de colchão de palha que seu pai tinha, dentro da área do mercado, mais para o fundo...

5
Colchão de palha

O pai da menininha era caminhoneiro, vivia sempre viajando. Mas ela lembra de uma época que ele teve uma fábrica de colchão de palha, instalada num barracão pequeno, dentro do terreno onde ficava o mercado do bairro.

Ela lembra do cheiro da palha seca, que ficava numa das partes do galpão. Na outra, ficavam duas mesas grandes, dessa com cavalete com uma tábua rústica em cima. Nelas, eram confeccionados os colchões, com tecido de chita e palha.

Com o tecido costurado no tamanho do colchão — casal e solteiro — numa máquina comum, depois era colocado sobre a mesa e começava a ser enchido com palha. A pequena recorda que depois eram finalizadas as bordas do colchão, com uma agulha bem grande e grossa, e um cordão grosso, rústico, era usado como linha.

Além das bordas, eram formados gomos no colchão, com a linha passada pela parte de baixo até a de cima, com pequenos pedaços em cada lado (hoje esses gomos são feitos em estofados, com botões). Isso fazia com que o colchão ficasse firme, depois de pronto.

Na fábrica, bem rústica, o pai da garotinha tinha uma ajudante/costureira, que ela gostava muito. Era Amélia, uma jovem negra de sorriso farto... Aliás, a menininha desde

sempre conviveu com pessoas humildes, simples, de todos os credos e raças, sem distinção.

A garotinha tenta puxar pela memória para saber o que aconteceu com a fábrica de colchão. Ela acha que um incêndio destruiu o barracão e tudo dentro.

Ela recorda que Amélia era uma das irmãs do seresteiro Noel da Madrugada.

6
Noel da Madrugada

Blein, blein, blein... Esse toque já era bem conhecido das donas de casa e, na região da Rua da Glória, da garotada também... Era o caminhão do gás...

Mas não era um simples caminhão do gás. Dirigindo ele estava Noel da Madrugada, uma celebridade para o bairro. Um seresteiro de voz cheia.

Blein, blein, blein... Quando esse sino tocava, a meninada ia logo para a porta vê-lo passar. Os maiores e mais afoitos corriam atrás até onde podiam...

A menininha de três anos lembra que perto da casa de Amélia e Noel moravam uns amigos seus, meninos e meninas, negros. A garotinha foi criada sem fazer distinções de amigos, de cor de pele, de religião, de quem tinha mais ou tinha menos... Ela não lembra quantos, mas eram no mínimo uns quatro irmãos, que, sempre que podiam, desciam a ladeira para ir brincar nos arredores do mercado, sempre mais no cair da tarde e as primeiras horas da noite, até as mães começarem a gritar seus nomes para voltarem para casa.

Os mais velhos costumavam querer assustar os cavalos dos carroceiros, que ficavam pastando ali... Tanto que tinha carroceiro que guardava o cavalo no quintal, passando

por dentro de casa... A mãe da menininha tinha um compadre que fazia isso...

7
Compadre carroceiro

A menininha não lembra o nome do compadre dos pais dela, mas lembra do nome da afilhada: Telma, uma garotinha um pouco mais nova que ela...

A mãe dela sempre ia lá ficar conversando com a comadre, gente humilde, que fazia pirulito de tabuleiro, aquele feito de açúcar e limão em formato de cone e que o filho mais velho saía vendendo rua acima, rua abaixo.

A menininha lembra que ela fazia bolo também e o outro filho saía vendendo. Os amiguinhos deviam ter entre 8 e 12 anos no máximo.

Lá, a mãe da menininha fazia no fogão de lenha mingau de farinha da terra e dava de dedo a afilhada...

Mas o que a menininha achava mais engraçado era ver o compadre da mãe, ao cair da tarde, quando encerrava o seu trabalho como carroceiro, atravessar a casa toda com o cavalo, para deixá-lo no quintal.

Lá ele limpava o cavalo com uma escova, dava farelo e capim, e água para beber. Ela achava bonito como ele cuidava do animal, que era o seu ganha-pão. O compadre acomodava a carroça num canto da sala, logo na entrada da casa.

A menininha teve uma infância feliz, apesar das dificuldades que hoje ela sabe que a família passou...

8
Banho na prainha

As lembranças que a menininha tinha do pai eram poucas... Ela lembra da época da fábrica de colchão de palha, de uma vez que achou que ele estava discutindo com a mãe, mas sem grito. Ela só achou porque os dois estavam na cozinha da casa e depois ela viu a mãe chorando, sentada na escada que dava para o quintal.

Mas uma das boas lembranças com o pai foi quando foram tomar banho na prainha do Bairro Industrial, em meio aos barcos pesqueiros (naquela época a água era boa e podia tomar banho).

A garotinha lembra que a mãe começou a organizar tudo na noite anterior. No dia do banho (ela não se lembra se foram mais de uma vez), todos acordavam, ainda escuro, e desciam andando até a prainha. Era uma caminhada boa, mas a menininha não ligava... além do mais, era a caçula e quando cansava o pai ou a mãe a colocavam no braço.

A pequena, que sempre gostou de banho, adorava a folia. Brincava muito com os irmãos Britinho e Aninha e se sentia protegida pelos pais.

No retorno para a casa, após todas as crias tomadas banho e devidamente encharcadas de talco e perfume, a mãe preparava melaço de cana com farinha de mandioca. Fica-

va um tipo de mingau, bastante doce, mas a mãe dizia que o melaço era bom, tinha vitaminas e faziam bem para o crescimento dos pequenos.

Outra coisa que ela lembra, mas muito vagamente, é que o pai foi técnico do time de futebol do bairro. Lembra de tê-lo acompanhado algumas vezes ao campo de futebol, que ela acha que era o campo do Confiança, que, assim como a prainha, ficava no Bairro Industrial.

9
Pirulito enfiado no palito

A garotinha achava bem engraçado quando um dos amiguinhos — filho da comadre da mãe — passava pela porta, com o tabuleiro cheio de pirulitos enfiados nele. Era um tabuleiro quadrado, cheio de furos onde eram acomodados os pirulitos e com um cabo — tipo de vassoura — fixado no meio.

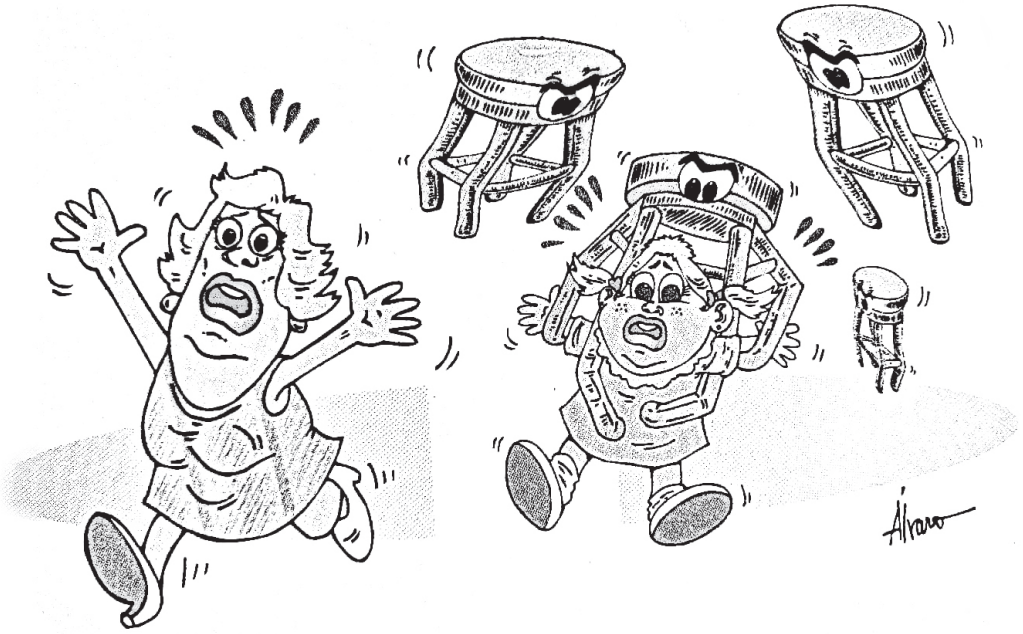
O menino acomodava o tabuleiro com o cabo apoiado em um dos ombros, e passava pelas ruas oferecendo: "Olha o pirulito, enfiado no palito".

O pirulito caseiro era feito com açúcar queimado e gotas de limão. Ela lembra que sempre via a comadre da mãe fazendo, no fogão de lenha. Depois de derretido o açúcar, com aquele mel ainda quente, a mulher colocava pequenas quantidades em pedaços de papel manteiga em forma de cone, acomodados no tabuleiro.

Ela ia enchendo os cones, com a ajuda de uma colher. Depois deixava o mel endurecer um pouco e daí enfiava um palito em cada um — desses comuns, que o pessoal usa para espalitar os dentes.

Era bem baratinho e a garotada adorava. Quando o menino passava vendendo era uma condenação dos pequenos, pedindo às mães para comprar. A menininha era uma de-

las. Adorava o pirulito que à medida que ia chupando amolecia. Ela costumava sair puxando a ponta com os dentes e depois soltar para ver que forma ia ganhar aquela ponta fina... Uma delícia de infância, recheada de muitas brincadeiras. Ela adorava brincar com os amigos, com os dois irmãos mais velhos que nem sempre estavam com ela — um menino de 7 anos e uma menina de 5 anos e que já estudavam. Mas ela adorava, e fazia muito, brincar só, conversar com amigos imaginários...



10
Enganchada no banco

Num desses dias em que a menininha resolveu brincar sozinha, acabou mobilizando a vizinhança toda... Ela tinha um banquinho de madeira, pintado de amarelo, que arrastava para todos os lados. Era o trono da princesa. Virava cavalo, charrete, ônibus, carro... Uma tarde ela estava mais uma vez brincando sozinha na salinha de entrada da casa. Era uma salinha pequena, com portão de ferro na entrada para depois vir a porta que dava para a sala de visitas. Um modelo de casa bem comum naquela época, com quartos interligados. Nessa salinha, além da porta para a sala, tinha uma também que dava para o primeiro quarto da casa, que era interligado ao outro quarto, por uma porta.

Nessa salinha (ou antessala), ela brincava muito, espalhava os poucos e simples brinquedos que tinha, e era feliz.

Numa tarde como outra qualquer, a menininha estava brincando e resolveu virar o banco de cabeça para baixo e se enfiou nele, que tinha virado, na imaginação dela, um carro. Ela enfiou as perninhas curtas entre o fundo do assento e uma ripa de madeira que segurava os quatro pés, um ao outro.

Estava tudo tranquilo até ela tentar sair. Depois de algumas tentativas, começou a chorar. A mãe, que estava nos afazeres da casa, veio ver o que estava acontecendo.

Tentou tirar a menininha e não conseguiu. Entrou em desespero e começou a pedir ajuda aos vizinhos, que também tentaram retirar a garotinha que estava entalada no banco, sem sucesso.

Alguns já corriam rua acima, rua abaixo, atrás de um serralheiro ou alguém que tivesse uma serra para cortar a madeira, enquanto a menininha se debulhava em lágrimas.

No ápice do desespero, a menininha se ajeitou e conseguiu sair sozinha, simples assim, do mesmo jeito que tinha se encaixotado. A mãe quando viu, entre lágrimas, estava dividida entre o alívio e a vontade de dar umas palmadas na pequena pela arte que aprontou... Mas essa foi apenas uma das muitas que, não só a garotinha de três anos aprontou... outra foi entrar num pote de barro, para tomar banho... kkkkkk

II
Banho no pote

Na década de 70, nem toda casa tinha geladeira, nem tampouco televisão. A casa da menininha era uma delas. A carne ou galinha era cozinhada para dois dias, no máximo, para não estragar. Se consumia muito carne salgada, como do sol e charque.

A água, para ficar "fria", como se falava naquela época, era filtrada em filtro de barro, colocada em moringas ou potes, também de barro, para que todos na casa pudessem beber ela fresquinha, principalmente em dias de calor.

Era costume também aparar água da chuva em porrões, bem parecidos com os potes (que tinham menores e maiores), só que bem maiores e mais compridos. Esse era um hábito do pessoal do interior, trazido por ele quando veio para a capital.

A menininha lembra que, num dia de muito calor, estava na casa dos "pais" Eliezer e Netinha, quando pediu para tomar banho — aliás, ela adora estar na água. Netinha prontamente atendeu e começou a dar banho na pequena no quintal, tirando água de um pote. Deixou a menininha ali, por um instante, e entrou na casa para pegar um sabonete... Foi fração de segundos, tempo suficiente para a pequena entrar no pote e se enfiar lá, até o ombro. Quando mãe Nitinha viu aquilo partiu em desespero em direção à menininha, primei-

ro com as mãos na cabeça e depois pedindo para ela se levantar e sair do pote.

De olho arregalado, assustada e sem entender o alvoroço da vizinha-mãe, a menininha tentou uma, duas, três e mais vezes se levantar, sem sucesso. Já começava a choramingar de medo. Netinha já estava pensando como iria quebrar o pote sem machucar a pequena, quando resolveu passar sabonete na borda do pote e nos ombros dela e assim conseguiu tirá-la do vasilhame, ilesa, apenas com partes do corpo avermelhadas.

A menininha é bem danada e serelepe, assim como seus irmãos, principalmente Britinho, o mais velho.

12
Sob a cadeira

A garotinha, que tinha os cabelos claros e cheio de cachinhos. A mãe adorava fazer cachinhos no cabelo dela depois do banho, colocar aquelas calcinhas cheias de babado (eram conhecidas como bunda rica), passar alfazema (da Phebo) e enchê-la de talco no pescoço e no corpo (Pom pom).

Era sempre assim, toda perfumada, que a menininha ficava brincando. Ela adorava deitar-se no chão frio e limpinho da casa (era de ladrilho de cimento, todo colorido).

Numa tarde, ela estava deitada no chão do quarto, embaixo de uma cadeira, que para ela, naquele momento, era um castelo. Conversava com seus amigos imaginários e suas bonecas de plástico.

O irmão entrou no quarto, atrás de algum brinquedo. Como não estava achando, resolveu procurar em cima do guarda-roupa. Subiu exatamente na cadeira onde a irmãzinha brincava embaixo. Mesmo assim, não conseguia alcançar em cima no móvel. Então resolveu subir no encosto da cadeira, que estava encostada no guarda-roupa.

A arte dele não durou nem um minuto. Quando a mãe viu já foi o barulho, o baque e o choro abafado do garotinho (ele sempre foi assim, sempre continha o choro), que por pouco não caiu por cima da menininha, que não conseguia

nem se mexer de medo e não tinha entendido o que acabara de acontecer.

Ela só lembra da mãe com as mãos na cabeça e chorando desesperada. A arte do irmão mais velho rendeu a ele uma ida ao pronto-socorro e uma temporada com gesso no braço, que tinha deslocado. E alguns fios de cabelo brancos à mãe.

Como o pai da menininha, nesta época, era caminhoneiro, a mãe tinha que resolver tudo, na maioria das vezes, sozinha. Mas ela tinha vizinhos maravilhosos, a menininha lembra. E lembra bem de um casal um pouco mais velho que seus pais, que a tratava como uma filha. Era Netinha e Eliezer que a mãe sempre recorria quando precisava resolver alguma coisa, para tomarem conta da sua caçula.

Naquela tarde, foi uma das muitas vezes.

13
Eliezer e Netinha

O casal era da região de Itabaiana e Campo do Brito e tinha um armazém no mercado antigo do 18 do Forte. Era quase em frente à casa onde a menininha morava e para onde ela sempre corria quando queria um "bubu" novo, quando não achava o dela. Esse era um dos muitos mimos que o casal fazia com a pequenina.

Eliezer e Netinha era um casal de meia idade, que não tinha filhos e preservava bem os costumes do interior, desde as vestimentas quanto ao jeito de falar. Eliezer sempre usava chapéu, daqueles aveludados, e Netinha sempre tinha um lenço na cabeça.

E a mãe da menininha confiava neles, tanto que deixava levar ela para a fazenda que tinha no Brito... E a garotinha lembra bem dos dias que passava por lá, pois adorava... O único problema era a saudade da mami, a quem sempre foi super apegada... A menininha lembra que eles tinham um sobrinho, Noel, que de vez em quando vinha passar um tempo com eles, pois ele morava em Recife com a mãe, Regina. Ela só não lembra se Noel era parente de Eliezer ou de Netinha, mas adorava quando ele estava na casa dos tios, pois ele a mimava.

Aliás, o casal mimava muito a menininha, a quem considerava uma filha. Achava lindo porque ela era bem sapeca e falava pelos cotovelos. Era também muito amigueira e brin-

calhona. Bastava um oi para a pequena abrir um largo sorriso, que exibia uma falha nos dentes superiores da frente.

Essa sapequice também conquistava outros vizinhos, de crianças, adolescentes a idosos. A vizinhança era boa, tinha gente unida e pessoas que brigavam, mas no geral era bem legal!

14
Fazenda no Brito

A menininha lembra que sempre ia para a fazenda dos "pais" no município de Campo do Brito. Só não consegue lembrar se era quando ainda era tão pequenininha ou quando já estava um pouco maior.

Ela adorava ir para lá. Primeiro eles iam para Itabaiana de ônibus, geralmente num dia de feira (quarta ou sábado), passavam na casa da mãe de Netinha, na feira e depois iam para o Brito de pau de arara... Hoje ela percebe o quanto o transporte é arriscado e inseguro, mas na época adorava, era uma festa... A casa da fazenda era simples e pequena. Só tinha um quarto, a sala/cozinha em "L", com janela no quarto e porta da frente, onde tinha uma varanda aberta. Tinha outras duas janelas na lateral e a porta dos fundos. O banheiro (só o vaso sanitário) ficava mais afastado, daqueles comuns em pequenas propriedades rurais, construídos pelo governo.

A garotinha lembra que dormia numa rede, instalada numa parte da cozinha, que tinha fogão de lenha. À noite, quando queria fazer xixi, era numa gameleira. A casa não tinha energia e geralmente quando ela ia deitar ainda tinha iluminação do fogão, mas quando acordava à noite para urinar, tinha vezes que ficava se batendo até achar a gameleira.

Netinha era daquelas mulheres que comprava os grãos

secos de café para torrar e moer em casa. Também ralava milho numa gameleira para fazer cuscuz. Também fazia farinha de mandioca, numa das casas de farinha que tinha no povoado onde ficava a propriedade. E fazia uma carne frita maravilhosa, daquela que, quando esfria, fica aquela nata de gordura endurecida por cima.

Todos acordavam quando ainda estava escuro — 4h. A garotinha já tinha uma canequinha de estanho que pegava e corria para o pequeno curral, para pegar leite que o vaqueiro tirava quentinho direto da vaca. Era tanta comida que a pequena voltava roliça para a casa.

Na fazenda sempre tinha o que fazer: tirar milho do pé, feijão, amendoim... tomar banho no rio corrente que passava dentro da propriedade... Muitas das estripulias eram feitas na companha de Nado, um garotinho que ajudava Eliezer na lida da fazenda.

Certa vez, já maiorzinha, ela estava por lá, no meio da plantação de macaxeira que ficava logo ao lado da casa, sob uma árvore onde estava amarrado um dos cavalos e acabou levando um coice que, por sorte, pegou de leve na perna... A menininha não lembra bem, mas com certeza deve ter mexido e estressado o animal!

Netinha e Eliezer eram "pais" maravilhosos!

15
Dona Punina

Outra idosinha que a menininha lembra bem é Dona Punina. A casa dela era a única da quadra que tinha jardim na frente. O muro era baixo e tinha um portão da mesma altura bem no meio, que dava no jardim. Para entrar na casa tinha outro portão, que dava numa salinha e, de cada lado do portão, tinha uma janela, cada uma em um cômodo da casa, cuja fachada era toda rosa.

Era uma idosa baixinha com rosto bonachudo, que usava sempre um turbante sobre os cabelos, daqueles que compra pronto, para proteger a cabeça do sol. Dona Punina sempre estava de vestido que ia até o tornozelo. Ela morava sozinha, ou com uma sobrinha que tinha uns 15 anos, a garotinha não se recorda direito, mas acha que o nome dela era Regina e que a achava bonita.

Dona Punina ralhava com a garotada que as vezes pulava o muro baixo para pegar a bola que vez ou outra caía no jardim, ou às vezes subtrair alguma rosa que tinha brotado. Mas era sempre de forma doce, sem deixar de ser incisiva: "Menino, vá jogar mais pra lá pra não cair bola aqui", "Ei, deixe minhas flores quietas", ralhava ela.

A garotada se danava a correr depois da estripulia, assim que via Dona Punina chegando. Sempre estavam na folia os gêmeos, Cosme e Damião.

16
Cosme e Damião

Outra tradição daqueles tempos era colocar os nomes dos irmãos santos Cosme e Damião quando uma mulher tinha filhos gêmeos. Na Rua da Glória tinha um desses casos. A dupla morava na casa que ficava entre a que a garotinha morava e a de Netinha e Eliezer.

Aliás, a menininha lembra que era uma casa cheia de gente, de muitos filhos, de várias idades — tinham já grandes e outros menores, como Cosme e Damião, que sempre estavam presentes nas brincadeiras de fim de tarde da garotada ali da redondeza. Ela não se recorda direito, mas acha que eles eram filhos de um policial militar.

Os gêmeos eram bastantes levados — aliás, a maioria da meninada do bairro era danada. Eles estavam sempre presentes nas estripulias da turma, que vez em quando dava dor de cabeça a cada mãe.

O riso era solto, assim como as brincadeiras. Para aquela garotada não tinha tempo ruim, tudo podia virar brinquedo: latas e garrafas de água sanitária viravam lepo-lepo, com ajuda de um barbante e areia (que não falta nas ruas do bairro, a maioria de chão batido, e nos quintais), ou até mesmo carrinhos, com ajuda de tampinhas de garrafas de vidro ou de plástico. Os maiores sempre ajudavam os mais novos na confecção dos brinquedos.

Tinham dias que alguns se juntavam e iam brincar num quintal de uma das casas. Geralmente isso acontecia na final de semana — dia de sábado —, sempre à tarde.

17
Tarde de muita brincadeira

Era mais um final de semana, como tantos outros ali na localidade. Juntou uma garotada legal e lá se foi brincar num dos quintais da vizinhança. Naquela tarde, a casa escolhida foi a de Ni, que ficava em frente à da menininha.

Teve torneio de bola de gude, descer de carrinho de rolimã pelo terreno irregular, que era uma subida, da porta dos fundos até o final do quintal e até fazer um cozinhado de "Major Gomes" — ou Majogome, como todos chamavam.

Ni já era adolescente, a garotinha só não lembra ao certo a idade dela, mas era 15 anos ou mais. Ela tinha cabelos compridos, loiros e era corcunda. Como era maior, para fazer o cozinhado, Ni se encarregou de acender um fogo de lenha num canto do quintal (aliás, muitas casas dali usavam lenha para cozinhar, algumas tinham fogão de lenha) e cortar os temperos para fazer o refogado.

A menininha corria pelo quintal, catando nos pés de "Majogome" as folhas maiores para fazer a comidinha. O quintal era cheio deles. Ela achava bonita as flores rosinhas que a planta tinha e as bolinhas amarelinhas também... Anos depois descobriu que dentro daquelas bolinhas estavam as sementes da planta.

Foi mais uma tarde agradável, cheia de estripulias e risadas. O bairro, aquele mundo onde a pequena morava, era cheio de coisas legais, simples, mas divertidas.

18
Ovos coloridos

Tinha uma senhorinha que morava numa casa pequena, numa outra rua que dava na lateral do mercado. A menininha não lembra o nome da idosa, mas sabia que ela vendia doces, através da pequena janela da casa.

Sempre que tinha uma moedinha, a garotinha pedia a mãe ou ao irmão mais velho, Britinho, para ir lá com ela. Tinha balinhas, chicletes, pipocas, dentre muitas outras guloseimas que a garotada adora. Mas o que mais chamava atenção dela eram os ovos coloridos, todos pintados com bolas e figuras geométricas... Eram ovos de galinha mesmo, branquinhos — hoje ela entende isso — pintados à mão (ela não recorda se a senhorinha pintava ou se alguém os preparava e ela só fazia vender). Dentro desses ovos eram colocados amendoins torrados, daqueles açucarados.

A garotinha lembra que em uma das vezes perguntou a idosa se eram ovos de galinha, como é que tinham amendoim dentro. E recorda que rindo da inocência e curiosidade dela, a senhora respondeu: "É uma mágica".

Mágica ou não, o recheio dos ovinhos coloridos enchia a boca d'água, não só da pequena, mas da pivetada do bairro, que sempre estavam à porta da senhorinha, querendo comprar doces, iguais a formigas atraídas por grãos de açúcar.

19
Festa para a menininha

A menininha estava crescendo. Prestes a completar 4 anos, já se achava uma mocinha, mas ainda não tinha idade de ir para a escola como os irmãos mais velhos, Britinho e Aninha.

Talvez por este motivo ela se lembre com tantos detalhes o dia a dia lá na Rua Nossa Senhora da Glória, onde passava o dia todo, a brincar, conversar com a mãe, ir às casas dos vizinhos com ela, aprontar e brincar sozinha, quando não tinha companhia.

O fato é que, o aniversário dela estava chegando e ela, que falava pelos cotovelos, estava contando cada dia até dizer que estava mais velha, que já tinha 4 anos. A garotinha espalhava para todo mundo que estava crescendo.

Ela recorda que no dia entrou de supetão na casa dos "pais" Eliezer e Netinha, como era de costume, e a mesa da sala de jantar estava toda arrumada, com doces, bolo lindo (ela achou enorme), confeitado de rosa e uma bailarina no topo, balas enroladas em papel seda colorido, bandejas com suspiros (ela amava). Quando viu, perguntou se era para ela e os pais tentaram despistar, bem como o tio Noel (sobrinho de Netinha que morava em Recife, mas sempre estava por aqui).

A mãe entrou atrás dela e acompanhou os vizinhos, negando que a festa era para ela. Arrastou-a para casa, disse que estava na hora de tomar banho, como era habitual, no final da tarde.

Só que depois do banho, a mãe da menininha encheu ela de perfume, talco, fez os cachos habituais no cabelo dela e... colocou um vestidinho novo. A mãe só fazia sorrir para a menininha.

Depois dela pronta, a chamou para ir à casa de Netinha... Chegando lá, estavam todos (os amiguinhos e os adultos também) esperando a pequena, que era só sorriso e alegria, para bater os parabéns e, o principal, comer as guloseimas, o bolo e tomar refrigerante.

Ela não se recorda se o pai, João Teles, estava presente. Lembra que estava a maioria dos vizinhos, a mãe, os "pais" Eliezer e Netinha, os irmãos Britinho e Aninha!

20
Salvando a irmã

Algumas coisas a menininha lembra, outras ela se recorda vagamente, mas a mãe, Márcia, sempre contava a ela, anos depois do ocorrido, por várias vezes.

Um desses fatos que ela recorda com pequenos fragmentos de memória foi uma tarde em que estava no quintal com os irmãos e a mãe. Após lavar a roupa, a mãe estava estendendo no varal e conversando com os pequenos, que brincavam por ali.

Lá mais ao fundo do quintal, que era uma descida, o cachorro Tejo latia e se danava por lá, vez por outra correndo atrás de gatos que cruzavam por lá, passando de um quintal a outro.

A menininha recorda que estava com a irmã Aninha, mais velha que ela dois anos, próximo à lavanderia (aquelas antigas, de cimento, com parte de lavar a roupa e o tanque de armazenar água do lado). A mãe, após lavar a roupa, tinha deixado a torneira aberta, enchendo a lavanderia.

Muito vagamente, a garotinha recorda que a irmã subiu na lavanderia, com os pés apoiados na parte onde eram guardados os produtos de limpeza (na época, sabão em barra e água sanitária). Depois disso, só lembra da gritaria da mãe e o choro da irmã.

A mãe sempre dizia que naquele dia a pequena tinha salvado a irmã, que tinha caído de cabeça dentro do tanque e a menininha tinha batido com os dois braços nas pernas de Aninha, que caiu de bunda no quintal, tão estatelada e assustada que nem conseguiu chorar direito.

A mãe, que estava no quintal, um pouco afastada, viu de longe o que aconteceu e saiu correndo, aos gritos, para ver como a filha do meio estava. Aninha soluçava, chorando e assustada, mas estava bem, salva!

21
Tejo, o herói

Tejo era um cachorro vira-lata, bem danado, e que era o xodó da casa dos três irmãos. Ele vivia no quintal, ora correndo atrás dos gatos e outros bichos que por ali passavam, ora escavando em algum lugar, ora cochilando debaixo de alguma sombra.

A menininha lembra de uma noite em especial em que Tejo latiu, latiu muito, bem desesperado e acabou acordando todos da casa e algumas pessoas da vizinhança. A mãe da menininha acordou assustada e tentou olhar pela janela que dava para o quintal, o motivo do alvoroço do cachorro.

O pai da garotinha estava viajando (algo corriqueiro, já que era caminhoneiro) e a mãe chamou um dos vizinhos que acordou para ajudá-la. O quintal grande, comprido e uma descida. E lá foi Márcia, munida de lanterna, com um vizinho, para ver o que estava acontecendo com Tejo.

A dupla encontrou o cachorro enganchado na cerca de varetas e arame farpado. Ele tentou pular e ficou pendurado pelas patas dianteiras, a mãe contou aos pequenos, que estavam bem assustados.

Apesar de ser um cachorro magrelo, miúdo, era bem corajoso, destemido. No dia seguinte o alvoroço era o assunto na vizinhança. Um ladrão tentou assaltar uma das casas por

alí e saiu pulando de quintal em quintal. No da casa na menininha, o meliante se deu mal ao se deparar com Tejo.

Ele acabou pulando a cerca do fundo, onde rasgou a camisa e se feriu também nas varetas finas e pontudas (um pedaço ficou preso na cerca e manchas de sangue se espalhavam pelo local).

Aquele cachorrinho corajoso virou o herói da pequena. Tejo, que anos depois foi levado para a fazenda de Eliezer e Netinha, brincava com ela e os irmãos, guardava a casa, até mesmo quando eles saíam e às vezes passavam o final de semana na casa da avó materna.

22
Casa da vó Zinha

Numa sexta-feira à tarde, como em algumas outras vezes, a mãe da menininha arrumou a sacola com as coisas dos filhos e disse aos pequenos que iam todos passar o final de semana na casa da vó Zinha.

Dona Márcia aguardava apenas os dois mais velhos chegarem do colégio para depois irem para a casa dos pais dela, que moravam no Centro de Aracaju (na Rua São Cristóvão com Lagarto) numa ladeira.

A menininha gostava de ir para lá, pois os tios a mimavam, principalmente a tia mais nova, Dinha. Ela era morena, tinha os cabelos pretos e bem longos. Parecia uma índia e gostava muito de conversar com a pequena.

Tia Ana era mais alta, tinha os cabelos pretos também, só que na altura do ombro. Ela era muito barulhenta e gostava de fazer palhaçada. A pequena se embolava de rir com a tia, que a chamava de Alex, diferente dos demais que chamavam de Sandrinha.

O tio Emídio — chamado pela mãe dela de Dé, abreviação de José Emídio — era o mais velho e mais alto que as irmãs, e muito sisudo. Ela recorda que ele costumava colocar o três sobrinhos no Jipe e levá-los para passear.

A avó, Dona Zinha, era uma senhora elegante, muito tranquila e firme nas suas palavras. Era muito religiosa. No quarto dela tinha um oratório de madeira escura, cheio de detalhes e com porta de vidro. Lá dentro tinha imagem de vários santos. A menininha lembra de Nossa Senhora da Conceição, São Jerônimo, São Cosme e São Damião... Lá tinha também uma sereia de louça que era uma luminária.

O avó Joãozinho ficava mais no interior, em Pinhão, onde trabalhava como Exator Chefe.

Ir para a casa dos avós era uma festa para a menininha. Mas algumas vezes — a pequena só soube anos depois — era a saída que a mãe tinha para não deixar os filhos passarem fome. O pai caminhoneiro por várias vezes esticava nas viagens e não deixava dinheiro suficiente para as despesas da casa...

23
Cadê a casa?

Numa dessas idas para passar o final de semana na casa dos avós, a menininha recorda de um fato bastante marcante, quando retornaram para a casa, na Rua Nossa Senhora da Glória, na parte que ficava no Bairro 18 do Forte.

Ela, os irmãos e a mãe, naquele final de domingo, voltaram de ônibus, como sempre faziam. O coletivo passava na Avenida Visconde de Maracaju, e eles desciam no ponto próximo a Igreja Pio X.

Depois que atravessavam a avenida com segurança, os pequenos costumavam subir a ladeira correndo, até chegarem em casa. Naquele final de tarde fizeram a mesma coisa. Britinho, como sempre, foi o primeiro a chegar e parou na porta, olhando para dentro da casa. A menininha sempre chegava junto com Aninha, mas como era mais afoita, foi entrando...

Mas parou naquela salinha pequena, que tinha o portão de ferro todo trabalhado na frente, e logo depois a porta que dava na sala e uma na lateral, outra que dava no primeiro quarto... Tinha gente estranha na casinha deles...

A mãe, que vinha um pouco mais atrás, também parou quando viu aquela movimentação ali, dentro da casa onde até então morava com os filhos e o marido caminhoneiro...

Dona Márcia foi se inteirar sobre o que tinha acontecido. Na hora a menininha não entendeu nada, mas anos depois compreendeu o ocorrido. O pai tinha chegado de viagem enquanto estavam na casa dos avós. Ele não pagou o aluguel e o dono pediu para desocupar a casa de imediato...

A menininha não tinha mais a casinha para morar, onde havia brincado muito e vivido momentos felizes...

24
Salão de bilhar

Até entender tudo o que tinha acontecido, a mãe dos pequenos, em choque, quis saber onde tinham ido parar os móveis (que eram poucos) e os demais pertences da família.

A menininha não se recorda bem se o pai estava por ali e apareceu. Mas lembra bem que passaram a morar numa espécie de galpão. Era um vão grande onde foram acomodados os móveis — mesa, cadeiras, camas, guarda-roupa, o berço dela, o fogão, filtro...

Essa casa galpão era, na verdade, um salão de bilhar. Logo quando entrava nele tinha uma mesa do jogo. Esse primeiro ambiente era separado do resto do galpão por uma parede de esteira, daquelas de palha, com uma passagem aberta (sem porta) para o outro vão maior. O banheiro ficava lá no fundo.

A mãe tentou arrumar os móveis da melhor forma possível naquele vão aberto. A menininha lembra que, quando caía a noite, homens se juntavam lá onde ficava a mesa de bilhar, entre eles o pai dela, para jogarem, sabe-se lá até que horas.

A pequena tinha medo, se encolhia e procurava sempre a mãe, para ficar ao lado dela e sentir-se segura. Ela não gostava daquele lugar, apesar de ficar na rua transversal à que ela morava antes, no entorno do mercado.

Na época, a garotinha já tinha quatro anos e recorda que não passaram muito tempo naquele local que ela achava assustador. Pouco tempo depois a família foi morar noutro bairro, distante daquele onde ela teve dias felizes.

Essas foram cenas que ficaram muito marcadas na memória da pequena.

tiragem	*250 exemplares*
fonte	*Andada pro 11pt* *Antique Book Cover 18pt*
tamanho	*15x21cm*
papel	*pólen soft 80g/m² (miolo)* *cartão supremo 250g/m² (capa)*